



**FUNAI**

Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL  
Data 08, 04, 99  
COT 06.D.000 94

to com base em  
A. Frei.  
M. M.  
04.XI.92  
Wilson Teixeira Soares  
CHEFE DE GAB/PRESI

INFORMAÇÃO Nº 02/GAB/ADR/ITZ/92.

DO: Administrador Regional de Imperatriz/MA.

AO: Ilmo. Sr. Presidente da FUNAI.

ASSUNTO: Informações sobre a situação atual dos Postos Indígenas jurisdicionados à ADR/ITZ.

FUNAI/DGA/Reg. \_\_\_\_\_

Recebido \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

As \_\_\_\_\_ hs.

Senhor Presidente,

Assinatura

Assim que dei ciência à PP nº 1424/92 de 21 de setembro de 1992 me nomeando para responder pela Administração Regional de Imperatriz, resolvi fazer uma vistoria nas áreas indígenas subordinadas à esta ADR, com o objetivo de recolher subsídio que servissem de base para a elaboração de um programa de trabalho e que ao mesmo tempo permitisse o conhecimento da real situação das comunidades indígenas, tendo desta forma um ponto de partida, e no futuro condições para se fazer uma auto-avaliação da minha administração frente a esta ADR.

Para melhor entendimento, descreverei em separado a situação de cada Posto Indígena:

PIN ANGICO TORTO

É a comunidade deste Pin a que passa maiores problemas sociais dentro da jurisdição da ADR/ITZ, isto porque todas as suas Aldeias estão localizadas ao longo da estrada MA-006, que liga a cidade de Arame-Ma. à Grajaú-Ma.

Assim que começaram o asfaltamento da estrada, novos agrupamentos de índios foram se formando ao longo da mesma, surgindo assim novas Aldeias, como é o caso da Aldeia Nova Convivência com Cristo, Aldeia esta formada de índios vindo do Pin Zutiwa que se localiza mais para dentro da mata. A maioria dos seus moradores são índios que "aderiram" a religião protestante.

Entretanto, o problema de maior gravidade é a prostituição e a venda de madeira, também existente naquela área.

Tem a comunidade do Pin Angico Torto, assim como a do Zutiwa, a maior incidência de prostituição. Parte considerável

**FUNAI**Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

das jovens da Aldeia vivem hoje da profissão do sexo nas cidades de Arame e Grajaú.

O abandono das suas roças e conseqüentemente a fome, fizeram com que os pais investissem nos corpos das filhas para tirarem o sustento da família.

Com relação a venda de madeira, foi o Pin Angico Torto o último a comercializá-la, no entanto já tem a sua área bastante explorada por índios da Aldeia Vargem Limpa - Pin Zutiwa.

#### PIN ARARIBÓIA

Este é o Pin mais problemático da área Araribóia. Foi através dele que se iniciou o comércio da madeira, através de índios considerados como remanescentes culturalmente. Apesar da Aldeia Funil ser a mãe de todas as Aldeias, pois é ela a primeira Aldeia Guajajara ou Posto Indígena a ser criado na reserva Araribóia, é no entanto abominada por todos hoje, devido o espírito de violência e rebeldia de alguns dos seus moradores. É odiada não somente pelos índios, mas principalmente pelos regionais, o que não é nenhuma surpresa.

Como já foi oficialmente comunicado à Brasília através de rádios e relatórios, várias mortes ocorreram naquele Pin, por causa da venda da madeira, isto agravado pelo uso excessivo da bebida alcóolica e maconha.

Os índios do Pin adquirem através dos madeireiros, muitas armas de fogo, inclusive escopetas.

Um grupo de índios dessa Aldeia, comumente quando vão à cidade de Amarante ou no povoado de Campo Formoso, fazem um verdadeiro festival de tiros, chegando cada índio dar até 60 tiros de revólver. Por informação de moradores do lugar, fiquei sabendo que o Comandante da Polícia Militar mandou os seus soldados prenderem vivo ou morto os índios baderneiros e, a alegação da polícia poderá ser legítima defesa, ou estrito cumprimento do dever.

A cidade de Amarante como já foi dito em relatórios enviados à esta Presidência, vive hoje os seus dias de glória. O comércio madeireiro esquentou o mercado. O prefeito está contente, os comerciantes mais ricos e os índio cada dia mais pobres.

É importante frisar, que já foram feitas várias tentativas para inibir a venda de madeira naquela região, com

**FUNAI**Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

3

a participação da Polícia Federal e do IBAMA, mas foi em vão. Os índios dão total apoio aos madeireiros e ridicularizam as pessoas que querem de fato ajudá-los.

Também neste Pin a atividade produtiva é precária. Compram assim como os outros, a farinha, o arroz, o fumo, enfim, até carne na cidade; e para aqueles que não têm dinheiro e nem um madeireiro para comprar madeira, estão quase a morrer de fome ou de tuberculose.

Neste Pin já morreram direto ou indireta - mente mais de 10 índios por causa da madeira ( acidentes de carro, tiro, aborto ).

Para imaginar a tragédia que poderá acontecer, vai um exemplo de um conflito aberto e de proporções imprevisíveis: Alguns índios da Aldeia Funil, comandados por um determinado índio, armados de revólver e escopeta, esperam os caminhões carregados de madeira proveniente do Pin Lagoa Comprida, num lugar denominado Esplanada, local de passagem obrigatória. Daí, obrigam os madeireiros a derrubarem a carga que pertence aos índios do outro Pin, ou de outros índios, e em seguida mandam recarregar de novo e recebe o dinheiro da madeira, dinheiro que não é seu. Por várias vezes os índio do Pin Lagoa Comprida se armaram para enfrentarem os da Aldeia Funil, foi preciso muita conversa do chefe do Posto, o Técnico de Indigenista, Raimundo Mourão, pessoa de muita experiência, para que os ânimos fossem acalmados.

#### PIN CANUDAL

Neste Pin passei por uma situação vexatória. Encontrei a sede do Posto totalmente invadida por madeireiros e vendedores ambulantes. Estavam ali a convite dos índios..

O prédio da Escola foi saqueado pelos índios, não existindo até o dia que estive ali nenhum móvel dentro das salas de aula e nem na casa da professora. Todos eles passaram a fazer parte da mobília das casas dos índios.

Os madeireiros e vendedores ambulantes estão residindo no prédio da escola e da enfermaria, transitam dentro da Aldeia muito a vontade, com espingardas a tira-colo. Vi inclusive dois brancos vendendo um revólver para um índio dentro da Aldeia; tive que enchotá-lo de lá, com a ameaça de levá-lo preso.

**FUNAI**Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

4

É incrível, mas os índios chamam aos compradores de madeira de patrão e dispensam toda atenção como se fossem ilustre portadores das boas novas. As moças brincam com os invasores como quem estivessem namorando. Segundo o costume dos índios liberdade entre moça e rapaz é sinal de namoro.

A retirada de madeira nessa área acontece 24 horas por dia. Cada índio tem um madeireiro e passa em cima do carro como um marajá em cima do seu elefante.

Estava eu tentando dormir na casa de farinha, tentando, porque o barulho dos caminhões que passavam me deixava perturbado, e então pensava na história que o velho índio Evaristo Guajajara, da Aldeia Bom Jardim acabara de me contar, da sua viagem à Brasília a pé e a surpresa que teve o pessoal do SPI ao vê-lo chegar juntamente com seus dois filhos maiores, foi quando comecei a ouvir tiros de revólver. Os madeireiros e índios, depois de ingerirem bebida alcóolica, vendo o carro da FUNAI estacionado na frente da casa de farinha, tentaram fazer pressão para irmos embora, porque a nossa presença certamente os incomodava.

Saimos pela manhã e foi então que ví o quanto a FUNAI e, principalmente o IBAMA e a Polícia Fedel estão sendo omissos com relação ao Patrimônio da União. Lá estava numa esplanada localizada no lugarejo chamado Jurema, mais de 4.000 m<sup>3</sup> de madeira empilhadas. Uma fortuna incalculável, e aquilo era só uma parte do que já havia sido tirado da área indígena. Segue fotografias em anexo.

Como em todos os Pins, com raras exceções, a agricultura no Pin Canudal hoje é prática pouco comum.

Conversando com alguns índios que pretendiam fazer roça este ano, todos vendedores de madeira, fiquei surpreso ao saber que todos eles haviam empleitados suas roças para brancos fazerem. A conclusão é que existe hoje índios que não plantam mais a sua roça de subsistência, comprando até farinha na cidade, mas paradoxalmente existem também aqueles que não levantam uma palha e usam o dinheiro da venda de madeira, pouco dinheiro por sinal, pagando a brancos para plantarem e colherem as suas roças de subsistência.

#### PIN LAGOA COMPRIDA

É o Pin mais distante da sede, além de ter um acesso muito difícil. Até hoje é o Posto menos beneficiado pela FUNAI



**FUNAI**  
Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

5

Tem um problema sério com falta de água, não tem poço artesiano e nem semi-artesiano, por isso existe lá um grande índice de verminose.

Esse Pin, come, veste e respira o comércio de madeira. Gastaram boa parte do seu patrimônio na compra de um caminhão Chevrolet. Abriram as custas da madeira, uma estrada ligando a cidade de Amarante, para encurtarem o caminho e principalmente, para fugirem da interferência dos índios da Aldeia Funil (Araribóia) que cobravam pedágio a quem passasse pelo seu território.

#### PIN KRIKATI

Poderíamos dizer que o problema do Pin Krikati é só um: a demarcação da sua área. No entanto devemos considerar alguns pontos cruciais: poucos índios plantarão roças este ano, estão vivendo quase que exclusivamente do ordenado dos aposentados da Aldeia e, volta e meia vendem ou matam o pouco de gado que lhes restam. Esta comunidade possui 02 caminhões e 03 toyotas, já estão bastantes usados, mas já foram novos, enquanto isso a Administração da FUNAI não tem nenhum veículo que possa atender aos índios na área a não ser uma Kombi doada pelo Ministério do Interior em 1988, com o motor quase batido.

Os carros dessa Aldeia, assim como todos os outros dos outros Pins que foram doados pela CVRD e ELETRONORTE, vivem carregando índios de cima para baixo, sem contudo servirem para o fim a que foram destinados, ou seja, transportar a produção e carregar índios doentes.

A facilidade destes carros possibilita o deslocamento dos índios a toda hora, e conseqüentemente lhes sobram pouco tempo para lembrarem das coisas importantes, como é o caso das roças de subsistência.

Já surgiram na Aldeia 05 motoristas índios, nenhum deles porém é habilitado, mas nem por isso deixam de dirigir os carros.

Quando aparece um índio doente, um parto, ou qualquer necessidade de fato, dificilmente se encontra um dos carros, estão sempre na cidade, ou passeando em outros Pins.

Este Pin ficou muito tempo sem chefe de Posto, por isso os índios ficaram tão mal acostumados.

**FUNAI**Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

6

Como estes carros foram doados diretamente para os índios através da CVRD e ELETRONORTE, praticamente não fazem parte do Patrimônio da FUNAI, a Administração local tem pouco poder, ou melhor, não tem poder nenhum sobre os mesmos. Quando precisa de um veículo para transportar doente, ou fazer visita às áreas, é preciso rogar aos índios a cessão de um veículo.

#### PIN GOVERNADOR

Não tem problema com madeira porque esta inexistente na área, mas falta disposição, no caso da sede do Pin, para a agricultura. O gado da comunidade está preste a acabar, porque além dos índios matarem fêmas para consumirem em suas festas, não vêm pagando o vaqueiro, e este já avisou que vai embora. Como os índios qãvião não sabem lidar com gado, a tendência vai ser acabar com o rebanho.

#### PIN RUBIÁCEA

No momento não existe problema com relação a venda de madeira neste Pin. Assim como a Aldeia Riachinho - Pin Governador. A sede do Pin Rubiácea recebeu um poço artesiano, feito através recursos da FNS.

Estão a muito tempo aguardando umas cabeças' de gado, promessa feita pela FUNAI/Brasília, por ocasião da visita ' do cacique à Brasília.

#### PIN ZUTIWA

A comunidade deste Pin resistiu muito tempo' para não vender madeira, mas quando viram que os índios do Pin Arari'bóia penetravam dentro de seu território, partiram para a venda indiscriminada da madeira. Como consequência, ocorreram 04 mortes por acidentes de carro madeireiro. Muitas famílias mudaram-se da Aldeia' sede para as margens da Estrada MA - 006 - Pin Angico Torto.

Neste Pin não existe nenhuma professora, os monitores bilíngues de um modo geral não trabalham, talvez por isso os índios saquearam a escola, e todos os objetos alí existentes foram levados para suas casas.

**FUNAI**Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

7

### ATIVIDADE PRODUTIVA

Os índios estão vivendo praticamente da venda de madeira e do salário dos aposentados. São poucos os índios que colócaram roça este ano, e grande parte destes, aqueles que vendem madeira, estão pagando os brancos para plantarem as suas roças de subsistência. Como não existe mandioca plantada na maioria das Aldeias, os índios estão comprando farinha na cidade, além do arroz, feijão e carne. E, para aqueles que não tem nenhuma outra opção, a solução tem sido levar a família para a Casa do Índio em Imperatriz, alegando uma doença e ficando longo período na Administração, se negando as vezes, a retornar para casa quando o médico dá alta ou constata não haver nenhuma doença.

Outro problema é o número de acompanhantes, situação já resolvida por Belém, São Luis e Brasília, mas nós ainda não conseguimos resolver. A maioria dos índios quando vem da área no intuito de acompanhar um doente, trazem o pai, a mãe, filhos, irmãos, cunhados e uma infinidade de crianças.

### EDUCAÇÃO

A programadora educacional vem sempre mostrando em seus relatórios a situação caótica pela qual passa a educação nas áreas indígenas. Falta material escolar, infra-estrutura e principalmente professores.

Existem aproximadamente 36 Aldeias em condições para funcionamento de escola, levando em conta o número da população escolarizável, no entanto a FUNAI tem na área somente 05 professores do ensino regular e 04 monitores bilingues, sendo que nenhum trabalha.

### SAÚDE

Assim como a Educação, a necessidade maior dessa área é a de pessoal. As Aldeias estão praticamente desprotegidas, pois existem somente 08 servidores em toda a área para atender a 4.700 índios aproximadamente, considerando ainda que os atendentes lotados nas áreas, erradamente só prestam assistência aos índios da aldeia sede e não procuram se deslocar para as outras aldeias jurisdicionadas ao Pin.

**FUNAI**Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

8

TRANSPORTE

É paradoxal a situação do transporte da FUNAI-Imperatriz. Existem 15 veículos na área, no entanto a Administração da FUNAI só dispõe de uma Kombi doada pelo M.Interior, em estado precário que mal dá para atender os problemas da Casa do Índio em Imperatriz.

Como a Administração não tem veículo para entrar na área para buscar doentes ou mesmo fazer visitas nas Aldeias, é preciso pedir emprestado aos índios detentores dos veículos ou ao FNS, o que nem sempre se consegue.

Com exceção dos caminhões dos Pins Governador e Zutiwa, todos veículos não fazem parte do Patrimônio da FUNAI, pois, ou foram comprados pelos próprios índios com o dinheiro da madeira, ou doados pela CVRD e ELETRONORTE diretamente para as comunidades indígenas, o que dificulta a atuação da FUNAI, ou mesmo a ingerência desta sobre estes veículos. No entanto, na hora da manutenção ( consertos, combustível, etc... ) todos procuram a FUNAI. E pior é que estes veículos não estão atendendo ao fim a que foram destinados, além do que, a maioria dos motoristas são índios não habilitados para dirigir.

EXTRAÇÃO DE MADEIRA

É um dos problemas mais graves que afetam as comunidades indígenas, principalmente do grupo guajajara. O comércio ilegal e desordenado da madeira é praticado por alguns membros de cada Aldeia ( a maioria delas ), a um preço irrisório, "beneficiando" a um pequeno grupo. Além de ser insignificante o valor obtido com a comercialização da madeira, em relação ao seu valor real e a depredação causada, esse valor é mau aplicado, sendo gasto em bebidas, farra e objetos superfluos. Alguns já trocam madeira por alimentos e estão deixando de fazer suas roças. Na tentativa de solucionar o problema, para evitar a exploração a que são submetidos e a consequente depredação de suas áreas, foi realizado pela administração anterior com recursos da FUNAI, três operações de repressão com a Polícia Federal e IBAMA, que não surtiram efeito desejado. Os índios ajudaram os madeireiros se esconderem e as operações não dispunham dos recursos e aparatos necessários. Ainda assim alguns foram flagrados, indiciados e multados.

**FUNAI**Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

9

Na última operação, que contou com a ajuda dos índios do grupo gavião, foram apreendidos, além da madeira, cinco caminhões madeireiros. A ajuda dos gaviões, contudo, quase lhes custou um conflito com os guajajaras e maior marginalização por parte da comunidade da cidade de Amarante. As operações de repressão só causam efeito momentâneo, pois assim que a equipe da FUNAI, Polícia Federal e IBAMA viram as costas, os madeireiros reiniciam suas atividades.

#### CONCLUSÃO

Diante do exposto pode-se concluir que a área indígena jurisdicionada à Administração Regional de Imperatriz, nunca esteve tão mal como agora. Talvez por causa da crise que assola o país, esqueceram-se das comunidades indígenas, e estas para sobreviver buscaram o caminho errado. A venda indiscriminada e geral de madeira a preços vis, a prostituição das índias jovens e também das mulheres casadas, a invasão de brancos nas Aldeias e o crescimento do prestígio destes, a falta de professores e pessoal de saúde dentro das áreas, a indisposição dos índios para a lavoura de subsistência, o método aplicado pelos índios empregando brancos para fazerem as suas obrigações, a compra de arma de fogo pelos índios, o crescimento do uso de bebida alcoólica pelos índios, a manutenção de veículos que vem consumindo todo recurso da Administração, sem que estes veículos apresente algum retorno satisfatório... Tudo isso nos deixa preocupado com o futuro que nos espera. Temos receio de que a fome possa atingir as comunidades indígenas menos prevenidas, e que no inverno a Casa do Índio fique superlotada de índios doentes e famintos

#### SUGESTÕES

Sugiro que a Presidência envie uma comissão à esta ADR, ou mande uma pessoa do DPI, para que depois de se verificar "in loco" todos estes problemas relacionados com madeira e veículos, possa nos propor uma solução, ou, em conjunto encontrarmos uma solução para o problema.

Imperatriz, 20 de outubro de 1992

  
Ewerton Eder de Andrade  
Administrador Regional FUNAI  
ADR - Imperatriz  
PP No 1424/92 de 21.09.92

**FUNAI**Fundação Nacional do Índio  
Ministério da Justiça

ADM. REGIONAL DE IMPERATRIZ

10

PROPOSTA PARA REALIZAÇÃO DE UM LEVANTAMENTO DA REALIDADE DAS  
ÁREAS INDÍGENAS ARARIBÓIA E KRIKATÍ, CONCERNENTES A RETIRADA  
DE MADEIRA.

- JUSTIFICATIVA: A Área Indígena Araribóia, ao longo desses dez anos tem sido depedrada incontinentemente pelas ações dos madeireiros, sendo que, nos seus últimos dois anos teve aumentado mais de 80% essa ação direta. A comercialização dessa madeira ocorre da seguinte forma: Os preços ora pagos pelos madeireiros são irrisórios, uma vez que, adquirem o M<sup>3</sup> na faixa de trinta a cem mil cruzeiros e repassam lá fora acima de setecentos mil cruzeiros, sem contar os "calotes" dados aos índios, coisa comum em qualquer transação quando o negócio é feito entre branco e índio.

Já na área indígena Krikatí, pelo fato da aproximação da demarcação de sua reserva, os posseiros residentes dentro do perímetro, apressam a retirada de madeira, causando assim, uma verdadeira depedração das poucas madeiras de lei ali existentes.

- OBJETIVOS: 1 - Encontrar meios de coibir a retirada indiscriminada de madeiras nessas áreas.

2 - Levantar os nomes de madeireiros e serrarias envolvidas.

3 - Propor junto as comunidades alternativas diferentes objetivando buscar outras fontes que gerem poder aquisitivo para o sustento de suas famílias.

- METAS:- Deslocamento de seis Técnicos, sendo cinco de Brasília(\*) e um de Imperatriz, por um período de 15 dias nas esplanadas onde estão depositadas, nas serrarias onde estão sendo beneficiadas e finalmente numa das Aldeias onde está sendo retiradas as madeiras.

- O deslocamento se dará nos municípios de Açailândia, Arame e Amarante-Ma.

- PERÍODO VIAGEM: De 01 a 15.02.93